

"MILAGRE NA CELA" — ESTUDO CRÍTICO

Marly Amarilha de Oliveira*

INTRODUÇÃO

Duas razões determinaram a escolha da peça de Jorge Andrade — "Milagre na Cella". A primeira delas, foi a ausência de estudos sobre as produções literárias brasileiras desse período crítico da nossa história: 1964-1979. É evidente, que alguma coisa deve ter sido escrita sobre "Milagre na Cella", mas apesar de nossas buscas, quase nada foi encontrado. O quase, deve-se à crítica de Antônio Cândido no prefácio da primeira edição. Daí, termos resolvido aceitar como desafio esse texto.

A segunda razão é o tema da peça, sua atualidade e sua feliz realização literária.

Nosso estudo procurou, através do texto, ter uma visão da realidade brasileira do período em foco, particularizando a problemática da tortura — temática da peça. Buscou-se nessa leitura uma clareza da estrutura que Jorge Andrade criou e manejou para efetivar sua denúncia. O trabalho foi dividido de maneira a explicitar essa coerência entre conteúdo e forma.

"Milagre na Cella" — escrita no início dos anos 70 só conseguiu ser publicada em 1977, freqüentadora que foi das gavetas dos censores.

Nas palavras de Antônio Cândido "a peça de Jorge Andrade é retrato de época e denúncia do mal; mas também estudo do homem". Efetivamente, o autor de "Milagre na Cella" levanta essas questões, assim nossa preocupação maior foi o caráter denunciador do texto, e como projeção de um contexto social. A análise do texto prende-se ao fato de que a situação do arbítrio determina o episódio denunciado.

Esperamos que este trabalho cumpra com seus objetivos, e seja, sobretudo, um registro vivo de um leitor dos anos pós-revolução.

ANÁLISE DA PEÇA

A obra de Jorge Andrade "Milagre na Cella", levou-nos a levantar a seguinte hipótese de trabalho: em "Milagre na cela" o autor projeta na ação de seus personagens — ficção — a problemática vivida pela sociedade brasileira nos anos pós — 68, quando foi assinado o Ato Institucional nº 5, e que em nome da ordem político-social todos os arbítrios foram cometidos. Nesta peça, a *tortura* é mostrada como forma repressora exercida pelo poder, funcionando com duplo sentido: — reduzindo o homem que a exerce a simples peça do sistema e, em última instância, revelando a ambigüidade que existe em cada homem de ser a um só tempo: opressor e oprimido.

- a) Espaço físico: a ação dramática se passa em três espaços: a prisão, a residência do delegado Daniel e o convento.

O espaço predominante é a prisão onde a relação — argumento (torturador x torturado) se configura.

A residência do Delegado e o convento funcionam como mundos alienados — são a redução simbólica de uma sociedade fundamentada em padrões de moralidade e religiosidade estagnadas e sobretudo omissas. Esses espaços se equivalem.

O microcosmo da prisão traz na sua dinâmica o exercício constante da violência. As relações entre seus moradores são uma interminável luta pela sobrevivência. A sevícia é usada como recurso para a cristalização do poder pelo delegado Daniel. Num segundo plano, corresponde à sua degradação moral até a animalização. A presença do Estado e seu poder, estão sintetizados na atuação perniciosa desse personagem.

A prisão totaliza os meandros ignóbeis de que se serve o totalitarismo para manter a dita "segurança nacional". O poder judiciário não é em absoluto um instituto independente, como quer o ideário democrata. Mas, num país de democracia relativa, tudo deve ser relativizado e o poder judiciário transforma-se em mais um instrumento de força.

b) O discurso político

O motivo da peça e de toda a ação dramática se estrutura a partir de um discurso que chamaremos político, isto é, enquanto ameaça à ordem política instaurada.

Sobre esse discurso o leitor é informado logo no 1º ato:

"Cícero — Que foi que ela fez?

Daniel — Entre outras coisas, passou para fora do país documentos que depõem contra nós, tentando provar que não respeitamos os direitos humanos. Vive enrolada com padres e bispos da tal igreja progressista". (p. 15)

O discurso acima referido (documentos) torna-se perigoso pela ameaça que constitui ao "status quo". "Apesar de o discurso ser pouca coisa, as proibições que o atingem revelam muito cedo, muito depressa, sua ligação com o desejo e com o poder" (Michel Foucault).

E, por causa desses documentos (discurso político) Irmã Joana é presa. Inicia-se aí todo o percurso violento de seu tempo na prisão.

c) Relações das personagens

O sistema político organiza as relações entre as personagens, clarificando a estrutura: o Estado em Daniel e Irmã Joana, simples cidadã.

Numa sociedade estratificada, Irmã Joana atua como elemento conciliador, aliando sua tarefa de freira a problemas das camadas mais pobres. "Irmã Joana" encara seu papel de religiosa como uma efetiva atividade junto àqueles que são mais

carentes. Daí, sua participação social ser criticada pela congregação religiosa a que pertence. Esse instituto, com caráter eminentemente alienante, é mostrado na peça como um mundo a parte em que todos os problemas são enfrentados com o unísono de vozes que rezam.

O primeiro passo da personagem Joana em romper essa estagnação é, justamente, o de aceitar como sua tarefa assumir uma luta social.

Daniel — Acho muito estranho que num escritório de educação tenha esse tipo de material.

Joana — Ler jornal é obrigação de todo cidadão, mais ainda dos educadores.

Daniel — Ninguém lê jornal e recorta.

Joana — Recortamos o que interessa aos trabalhos que desenvolvemos.

Daniel — Por eles podemos calcular que tipo de trabalho desenvolve?

Joana — Por quê?

Daniel — (Mostrando recorte por recorte) Favela, periferia, saúde pública, problema do desemprego, injustiça social e por aí fora". (pág. 35)

Uma vez rompido esse marco divisório entre religiosa/cidadã a personagem Joana adquire a força de contestadora que irá gerar todo o processo que a acusa de subversiva. A força de Joana está justamente em ser inocente, em que pese a sua atuação, prende-se a uma melhoria de condições de vida da gente com/para quem trabalha. Sua ambição não é da categoria do poder — ela está a um nível de realização humana. Entretanto, tornar a vida do homem comum melhor, significa para os detentores do poder — mudanças — perda de privilégios. E nada mais perigoso ao "status quo" do que essa ameaça.

Irmã Joana atinge diretamente com seu trabalho duas camadas sociais: — os estudantes que a ajudam — os habitantes das periferias.

Esse trabalho é caracterizado como "subversão" segundo a interpretação que é dada pelo Estado. Na realidade, é uma ação de

efeito de mudança a longo prazo, sem dúvida com objetivos definidores de conscientização da problemática social e de como modificá-la.

Daniel — Por que um aluno precisa ficar sabendo disto?

Joana — Porque são problemas da nossa cidade, da sociedade a que pertencemos. Todos precisam ficar sabendo do que se passa, para terem consciência da realidade que nos cerca, dos problemas que nos afligem. Só assim um cidadão pode ajudar a vencer esses problemas. Não é dever de todos?

Daniel — Das autoridades, não de fedelhos.

Joana — Mas são eles que serão autoridades amanhã.

Daniel — É assim que pessoas como você fazem subversão: contaminando a nossa juventude. (p.36)

Veja-se no diálogo acima, quando o delegado coloca explicitamente o distanciamento que existe entre Estado (poder) e nação (povo). A problemática social só pode ser vista e resolvida pelos que atuam na direção — as autoridades. A participação do cidadão é vilipendiada e castigada, e isso se constitui numa primeira violação de direito, caracterizando o teor totalitário do regime em foco.

Quando "irmã Joana" unifica sua atividade de religiosa com a de cidadã (na verdade jamais deveria existir tal distinção) isto é, não apenas "reza" aspecto eminente da vida religiosa mas "age" — aspecto real do cidadão (religiosa ou não), passa a se constituir em opositora à ordem instaurada. Daí, o processo que se inicia.

Veja-se então, a luta entre o delegado Daniel e a vítima do seu arbítrio Joana. É necessário enfatizar que esse quadro se cria, pela indiscriminada arbitrariedade do regime em vigor em proteger-se da atividade do cidadão consciente. "Só os regimes totalitários temem o antagonismo".

As armas de que dispõe o sistema político para conseguir uma confissão formal de Joana e, por conseguinte, sua resistência,

estão aqui sistematizadas e sintetizadas; o critério de seleção prende-se a dois fatores: como determinantes do comportamento da personagem e, portanto, como interventores na ação dramática e como relato contextual da violência no uso do poder — o caráter denunciador da literatura em questão.

— *O arbitrio*: em mãos de uma peça do sistema repressor — o delegado. Daniel é sujeito à dupla personalidade. Em casa, o chefe de família ideal, e no exercício do "dever", uma peça de repressão, forma onde encontra prazer também.

"Daniel — Finalmente a ilustre educadora está em minhas mãos. O que ninguém conseguiu provar, vou provar agora. (p.19)

Joana — Posso saber pelo menos qual o motivo da minha prisão?

Daniel — Você é um elemento ativista da dita igreja progressista.

Joana — E isto por acaso é crime?!

Daniel — Pra mim é. (p.20)"

A autoridade policial confunde-se com a autoridade jurídica:

"Joana — (Firme) Até agora não me mostrou nenhum documento que determinasse a diligência em meu escritório e minha prisão, assinado por autoridade policial ou judicial.

Daniel — (Áspero) Não preciso mostrar merda nenhum. A autoridade sou eu. (p. 35)"

Na própria linguagem da personagem o autor denuncia a situação em que se encontram os poderes judiciário e policial — em total descrédito — o documento, reclamado por Joana deixando de existir caracteriza a ordem de um Estado excepcional, onde a força é o critério de autoridade.

A tortura — violência extrema como forma de assegurar o poder. O temor, recurso sempre usado pelas tiranias para enfrentar seus opositores.

“Joana — (serena) Só admitirei a verdade.

Daniel — Pois é a verdade mesmo que queremos. Sem força e sem tortura ninguém fala nada. Sabe o que é tortura? (p.19)

.....
Pode levar. E vai pensando em tudo que pode acontecer. E tenha bastante imaginação! ... porque aqui tudo está além da imaginação. (p.21)“.

Enquanto a personagem Joana vai passando pelas formas de agressões acima citadas, manifesta também a sua estrutura de antagonista.

A ação dramática, à medida em que cresce, universaliza a problemática colocada inicialmente. A ação repressora do sistema político-social sobre os indivíduos é tamanha, que em última instância ele passa a existir de forma intrínseca no relacionamento que se estabelece entre torturador/torturado, repetindo a situação histórica do homem dominando outro homem.

Já o dissemos, anteriormente, e repetimos: a força da personagem Joana está na convicção de que seu trabalho não é um crime, como querem que confesse. Daí sua resistência que irá encontrar apoio de formas diversas.

O primeiro ponto de apoio é a *solidariedade* da prostituta Jupira. Esta personagem atua como iniciadora de Joana num novo mundo. Na sordidez da promiscuidade e da violência carcerária.

Durante toda a ação dramática de “Milagre na cela” vão se, desvendando as bases subreptícias em que se sustém o poder. Jupira é prostituta e funciona como “controle” dos presos mais violentos.

“Jupira — Traz o negrão pra mim, simpatia. Traz?

Cícero — Ele não pode. Está na solitária.

Jupira — Eu amanso ele para você melhor que a solitária.
(p. 18)“

É essa figura que se degrada por imposição do sistema, que se tornará o primeiro contato de Joana com a vida da prisão. E irá

contribuir para o reforço de sua oposição e resistência, até uma total reavaliação de seus valores.

Jupira ensina a Joana as formas de sobreviver na prisão. Percebendo a fragilidade de Joana, a prostituta direciona seu comportamento. Ela é uma personagem que colabora na própria estrutura da nova Joana que irá surgir durante o processo.

"Jupira — (...) Gostei de você. Vou te ensinar uns macetes pra agüentar a parada. A barra aqui é pesada. Comece fazendo ginástica pra agüentar a porrada. (...) Agora... importante mesmo é trepar. Saber trepar! É o que quer esses filhos da puta. E é o que precisa fazer, se tem amor na vida". (p.26)

Outro elemento de reforço Joana encontra na oração. Nos momentos mais angustiantes do processo que sofre, ela busca, não como forma aleatória, mas como força aliada, esse recurso. Há um descompasso aparente entre o enlevo que supõe o ritual da oração e o ambiente em que se encontra a personagem, (às vezes Joana monta um altar sobre a latrina de sua cela). Na realidade, esse contraste materializa o verdadeiro sentido da oração — um diálogo com uma força superior (Deus) para um efeito no aqui, agora. Neste sentido, o autor não só valoriza o chocante da cena como enfatiza a persistente luta da personagem para resistir. No seu ato de orar, Joana cresce em força e em instrumento de denúncia de que o autor se serve.

"Joana — (Com profunda intensidade) Meu Deus! Ofereço o meu martírio, não por mim, mas por todos que estão sendo humilhados no mundo. Tu que estivesse sempre comigo... não me abandones agora. (p. 53)"

O poeta anônimo (nas paredes da cela estão escritos poemas) este sem dúvida possui uma atuação de extrema eficácia. Sua força reside em que ao mesmo tempo em que se solidariza espiritualmente à personagem Joana, alimenta-a de esperança, dá-lhe uma perspectiva nova. Outro aspecto a ressaltar, é que em se tratando de uma comunicação a nível de sensibilidade, a poesia consegue dar a Joana resistência para sobreviver, enquanto que

para as outras personagens essa atuação é nula, visto estarem elas a um nível inferior de compreensão. As mesmas poesias, que estão escritas na cela, não dariam a Daniel nenhuma contribuição, seu grau de animalização está tão desenvolvido que a possibilidade de atingimento seria nula, no máximo consegue irritá-lo. Nisso repousa mais uma arma de defesa de Joana.

Na solidão da cela, Joana encontra a solidariedade do poeta. Sua poesia revela a consciência de uma situação opressora, Joana apega-se a esse elo espiritual para se fortalecer diante de seus dominadores. Ela procura decorrer os poemas escritos, como quem vai guardando reservas para momentos piores.

“Joana — (Lendo) Sobre meus olhos, minha pele,
se tece esta muralha de silêncios.
Sei que se faz hoje mais espessa:
há um nome a mais
gravado em sua noite.
Há nomes que não cicatrizam,
sangram de sua sombra
lentas gotas de amanhã”. (p. 46)

O poeta, também se revela um homem que acredita na atuação do homem que faz sua história. Ele é um ser político agente de seu próprio destino, ainda que circunstancialmente, seja objeto de dominação.

“Joana — (Canta) É preciso sobreviver,
E sobreviveremos
Para o amanhã que virá.
Não importa o cerrar da boca,
ou que a voz caminhe incerta
na garganta dolorida,
se amanhã o protesto
sairá da boca de milhões.
Ficou a crença no amanhã,
hoje proibido!
É preciso sobreviver,
Para o amanhã que virá! (p. 81)”

O poeta que Jorge Andrade coloca na peça como co-autor da resistência de Joana, cumpre coerentemente com seu papel. É o grito solitário das criaturas oprimidos, é a poesia como praxis, como forma de resistência. Nesse sentido escreveu Alfredo Bosi: "a poesia resiste à falsa ordem, (...) e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia. (...) o poema acende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela. A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar". (A. Bosi. O ser e o tempo da poesia. p. 146-192, São Paulo, Cultrix, 1977).

A determinação de Joana em resistir ao aparelho opressor, estabelece uma relação em que o processo de contaminação entre opressor/oprimido é inevitável.

Identificamos dois níveis de contaminação. O primeiro se dá na *linguagem*. Para poder sobreviver ao mundo da prisão, e para afrontar seu torturador, Joana tem que se colocar num mesmo nível de comunicação. Quem lhe dá essa lição é Jupira. O opressor quer o choque, o sofrimento para enfraquecê-la. Mas Joana, sabiamente orientada pela prostituta, passa a usar palavrões. Isso é uma forma de desarmar os agressores. Ainda que acusem Joana de não ser freira por usar esse linguajar (note-se a fragilidade do argumento) sente que aí está um meio de resistência. O palavrão funciona como elemento de realismo e como máxima manifestação de revolta à situação.

Joana — Podem ser bichos... porque são crias do que você representa, filho da puta! Vocês fedem mais do que aquela privada entupida!

Cícero — E mente que é freira! Freira não fala palavrões.

Joana — Até Cristo falaria diante disto". (p. 74)

O segundo elemento de contaminação, e o mais atuante como veículo de violência é o sexo.

Na relação dos personagens Daniel e Joana está a situação argumento de "Milagre na cela". O sistema oprime tanto o homem, sua atuação é de tamanho desrespeito que o ser humano fica reduzido à condição de agressor/defensor, não maniqueista-

mente, mas numa ambivalência repetitiva e viciada: ora opressor, ora oprimido.

A ação dramática de "Milagre na cela" descreve esse processo, analisa-o e ainda denuncia com extensa e intensa violência a própria violência que a gerou. O especificamente literário — texto — funde-se coerentemente com o conteúdo que o determina — contexto.

Desde o início da peça paira sobre Joana uma ameaça de estupro. Quanto mais se fortalece sua resistência, mais seu opressor se sente "excitado" a esse ato de violência.

Joana passa por um processo de agressão já sistematizado pelo aparelho policial (fórmula 1, fórmula 3...) até chegar ao aviltamento sexual.

Todo o processo revela o sadismo que está no homem quando se vê detentor de uma força. É dessa redução animalizante, como uma peça da máquina repressora, que saem as formas de tortura "além da imaginação".

"Daniel — Pode ser que seja freira. Mas se for, é mulher como outra qualquer. Sofre, grita e geme da mesma maneira. Mas eu quero ter o prazer de dobrar pouco a pouco, de mansinho.(...)

Não tenho pressa. Quanto mais lentamente sai o grito, mais profunda a dor... e mais satisfação eu sinto de conseguir o que quero. Vou começar pela fórmula 1. E não deixe ela dormir. Leve-a para a sala de interrogatório". (p. 39)

Joana está bem consciente dessa força que reduz o homem a tamanha iniquidade. E por isso mesmo decide sobreviver às violências para assumir diante da vida uma nova atitude.

"Joana — (...) Aqui todos sabem muito bem o que estão fazendo. É o sadismo a serviço de objetivos definidos. São demônios, agentes da morte, do ódio, do preconceito e da indignidade". (p. 47)

A cena que nivela carrasco e vítima — de um realismo cruel, possui num segundo plano um significado simbólico.

Ao ameaçar violentar Joana, usando um cabo de vassoura, esta revida violentamente e pede a seu torturador que o faça pelo instrumento natural. Eliminando-se o instrumento intermediário — a vassoura — desvendam-se em simples seres humanos carrasco e vítima, igualmente peças de um sistema. Nesse momento a contaminação se consuma. A distância que existia entre dominador/dominado se anula e o que resta é a esperança de Joana de recuperar seu opressor pelo sexo, ao mesmo tempo que aumenta sua própria humanidade, descobrindo-se como mulher. Aqui manifesta-se a ambivalência de que havíamos falado. Joana, através da provocação sexual —, como forma de sobrevivência, determina o cativo de seu torturador. Ela usa do desejo sexual para então, oprimir Daniel. Joana desencadeia conflitos na mente do delegado e assim mina sua força. Aproveitando-se da fragilidade ela planeja uma armadilha; já que é impossível sair incólume de tal situação, pelo menos que descubra o carrasco e redescubra um homem.

O diálogo rude entre Joana e Daniel, revela o nível de contaminação e de equivalência que se estabelece entre as personagens.

“Joana — (mais segura) Agora!... no ponto em que o mundo e os homens chegaram, o tempo é para medir cada um.

Daniel — (Grita) Medir o quê? O que?

Joana — Até que ponto uns podem torturar, e outros resistirem às torturas”. (p. 55)

A própria personagem Joana reconhece essa contaminação. Mas, justifica-se, explicitamente, determina ser agente de uma ação. Até agora, fora objeto de violações, acusações injustas, sevícias cruéis, chegou o momento em que uma reação eficaz se impõe.

“Joana — Neste mundo mecânico e odiento... a livre decisão também existe. Quis provar que sou capaz de criar situações que desejo, de que tenho necessidade. Era o único caminho para conseguir o que era preciso.

Bispo — Conseguir o quê?

Joana — Que o meu torturador se transformasse num homem. (...)

Bispo — Este homem contaminou você!" (p. 64)

Todo o processo de tortura a que foi submetida, levou a personagem a uma re-avaliação de seu mundo, da vida anterior que levava.

Daniel não chega a ser resgatado para a humanidade, vítima da própria violência morre assassinado por um preso. O sistema preserva-lhe a imagem de bom pai, bom delegado, e aí mostra toda sua vileza.

A trajetória de Joana a contamina para a realidade, mas ao contrário da heroína francesa sua homônima — resistindo à violência, Joana é a testemunha sobrevivente e sua missão não acaba numa fogueira... Capitulando da "antiga dignidade", Joana descobre uma forma de enfrentar a violência. Ela desiste de ser mártir "inútil" como diz num diálogo com o bispo, para se tornar uma mulher atuante na vida e assim contestando e resistindo a um sistema opressor.

"Joana — (...) Aprendi nesta prisão o que deveria ter feito e que nunca fiz. Vivia alienada mentindo a mim mesma que os horrores que acontecem aqui, não aconteciam, não podiam acontecer. Hoje, sou um produto da sua violência". (p. 83)

No final da peça, o que se vê é uma nova Joana — e não poderia ser diferente — depois de tudo que vivera. Uma Joana que contesta com as próprias armas do sistema, assinando uma declaração fraudulenta, mas que traz no ventre um filho, em última análise uma nova humanidade, ainda que gerado da violência.

"Joana — Pode ser. Mas esta força que sinto em meu ventre, vem de um filho meu e de meu carrasco. Filho de contradições que acompanham o homem, que estão sempre presentes... e que levam ao amanhã. O que é certo não é certo, senhor bispo. As coisas não ficarão como estão. Só os cristais são estáticos". (p. 65)

CONCLUSÃO

O estudo de "Milagre na Cella" de Jorge Andrade, levou-nos a uma pesquisa produtiva do nosso contexto histórico, ainda bastante recente dos 16 anos (?) de repressão advindos com a revolução de março de 1964.

"Milagre na cela" é a projeção dramática de uma violência vivida pela nossa sociedade, vítima e co-autora desse sistema.

A nossa preocupação foi dirigida, justamente, nesse sentido — a análise de uma peça como uma reflexão da nossa problemática político-social. E, por isso mesmo, foi gratificante a elaboração desse trabalho, na medida que essa reflexão melhor se presentificava.

Comprovou-se nesse estudo o caráter específico de teatro de denúncia do autor Jorge Andrade. A peça cumpre sua missão literária (artística), analisando e interrogando o real. O conteúdo de violência ajusta-se à dinamicidade da ação e à tensão angustiante e igualmente violenta do texto.

O autor consegue criar através de diálogos violentos, uma linguagem realista em que retrata, testemunha e denuncia o lado frágil do poder — a força. E essa denúncia dá à obra uma dimensão maior, sua problemática se universaliza e mostra que não existe em separado bem e mal, opressor e oprimido existe sim, o homem tentando dominar outro homem e nessa luta, seja o lado em que se estiver, todos perdem, ainda que algo sobreviva.

O engajamento de Jorge Andrade na realidade atual brasileira, mostrando com esta peça "Milagre na cela", é uma resposta clara às críticas que faziam ao seu teatro de "passadista", "saudosista". É preciso reconhecer os caminhos que fazem a trajetória de um artista. Da sua fase anterior, encerrada com a publicação de "Marta, a árvore e o relógio" (1970) Jorge Andrade passou a atuar numa outra perspectiva, encarando e realizando um teatro em que a realidade presente é o dado novo.

A relação entre os personagens centrais: Daniel e Joana é explorado com profundidade, de maneira a refletir o contexto social determinante de comportamentos. Na visão crítica dessa

relação está sintetizada toda uma sociedade que se estratificou e de uma situação que se afirma pela força.

"Milagre na Cella" seja pela sua feitura, seja pelo seu conteúdo, mantém uma estrutura coerente entre verdade histórica e ficção.

O dado contextual é revelado pela própria estrutura dramática e funciona de maneira onipresente. Isto é, o regime político — ainda que nunca chamado a cena é o motivo determinante da ação.

Quando Brecht escreveu "Cinco maneiras de dizer a verdade" cobrava do artista o seu papel de homem de coragem e astúcia como revelador da verdade.

Usando de seu poder de ficcionista, Jorge Andrade traz em cena, justamente, essa verdade: a presença da tortura para assegurar a ordem social.

Jorge Andrade cumpre, assim seu papel de escritor. Embora tenhamos que reconhecer, a eficácia de seu texto "Milagre na Cella" só será avaliada quando algum outro artista decidir encená-lo, completando-se o significado da obra que se efetiva pela participação do público/leitor.

* Aluna de Pós-Graduação em Letras — opção Literatura Brasileira — UFSC.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Jorge. *Milagre na Cella*; Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. Cultrix. — Editora Universidade de São Paulo. 1977.
- FREITAS, Mário César de. *Os 120 assuntos que todo brasileiro precisa conhecer*. Editora Universo. Rio de Janeiro. 5ª edição.
- A CONSTITUIÇÃO DO BRASIL. Biblioteca técnica profissional. Edições de ouro.

- ANDRADE, Jorge. *Labirinto*. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1978.
- ROSENFELD, Anatol. *Teatro ou televisão?* In: Revista Argumento ano 1 nº 2. Editora Paz e Terra. novembro de 1973.
- ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto*. Editora perspectiva. São Paulo. 1969.
- FRAGOSO, Heleno. *Lei de Segurança Nacional*. In: Encontros com a Civilização Brasileira nº 2, agosto de 1978.
- DONNICI, Virgílio Luiz. *Criminalidade e Estado de Direito*. In Encontros com a civilização brasileira, nº 5, novembro de 1978.
- NETTO MUNHOZ, Alcides. *Estado de direito e segurança nacional*. In: Encontros com a civilização brasileira. nº 6, dezembro de 1978.
- AMÂNCIO, Moacir e PUCCI, Cláudio. "O labirinto, Jorge e os outros". In: Folha de São Paulo, sexta-feira, 16 de junho de 1978, pág. 39.
- ANDRADE, Jorge. *Marta, a árvore e o relógio*. Ed. Perspectiva. São Paulo. 1970.